



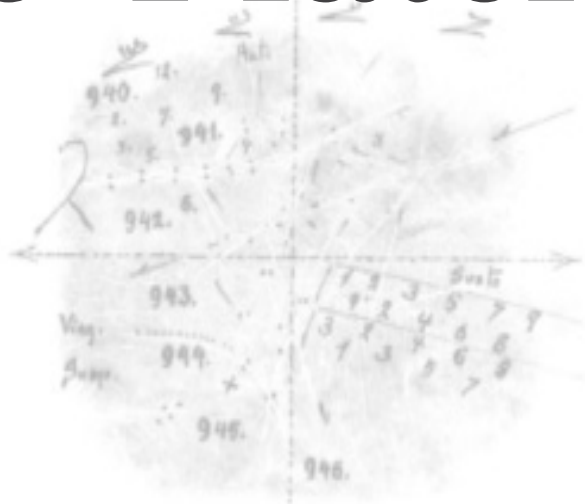
Ricardo

# Comunhão Palco-Plateia



nome: Abigail  
Izquierdo Ferreira

atriz, cantora,  
música,  
compositora,  
diretora,  
arranjadora,  
poeta, bailarina,  
comunicadora,  
dramaturga



*“Em arte, só morre o que não tem força e não tem valor. O teatro é a maior convergência entre o homem e a ideia. Ele é simples; - aquele que pensa, o que transmite e o que recebe: autor, ator e plateia - nega a tecnologia. Por ser ele tão próprio só morrerá com o último homem. A televisão é a comunicação de todos os interesses e de todos os mundos, é o brinde à tecnologia.”*

*“O teatro é a minha  
profissão”*



BIBI NA REVISTA  
ESCÂNDALOS 1950



BIBI NA TV EXCELSIOR



*“O que eu gosto muito num palco é que estou inatingível. Quando estou num palco, ninguém me toca. É um momento só meu. Um momento em que não vou ser interrompida. Estou ali só para dar. O que eu puder dar, eu dou. É o momento da criação. Da comunhão. É muito bonita esta comunhão palco e plateia. É o momento em que, através de vocês, eu me encontro com Deus.”*

*BIBI, EM UMA NOITE DE AMOR, FAZIA A AMANTE DO PAI. “A PEÇA FICOU QUATRO DIAS EM CENA, O PÚBLICO NÃO ACEITOU. EU DISSE: QUE BOM QUE ACABOU MEU AMOR, QUE BOM QUE ACABOU, PAPAÍ”.*



*“Acho  
que nasci  
personagem”*

# Uma vida de Artista

Nem todas as artistas têm a sorte de Bibi: nasceu numa família cujo patriarca era o grande Procópio Ferreira, referência obrigatória na história do teatro brasileiro. Com ele, estreou a peça *O Inimigo das Mulheres* (*La Locandiera*, clássico de Goldoni) no Rio de Janeiro.



O ano: 1941. Tinha dezoito anos, era disciplinada, competente e com uma enorme vontade de construir uma carreira no palco. Não carece especular se essa ajuda do pai contribuiu para seu sucesso, pois as críticas à sua atuação no papel de Mirandolina foram excelentes e a empatia com o público, imediata. No ano seguinte, partiu para a temporada em São Paulo, onde os aplausos se repetiram. Em 1943, faz sua primeira turnê pelo sul do país e interior de São Paulo e escreve seu primeiro texto para teatro, *Bendito entre as Mulheres*, numa singela homenagem a Procópio. No ano seguinte, incentivada pelo pai, abre sua própria companhia. Com um reper-



tório de grandes comédias, ela apresenta mais de vinte espetáculos, deixando sua marca como atriz. A crítica especializada e o público rasgam elogios.

Essas performances tiveram os desdobramentos naturais: em 1946, é chamada para integrar o elenco do filme *The End of*

*the River*, com direção de Derek N. Twist. Em Londres, aproveita para estudar interpretação e direção na Academia Real de Artes. Com esses novos conhecimentos da arte teatral (e mais madura), retorna ao Brasil e monta a peça *Divórcio*, dirigindo o próprio pai. Também volta aos palcos como atriz em inúmeros sucessos. Um deles é *O Noviço* (de Martins Pena), onde interpretava um papel masculino. A criatividade de Bibi adentrava outras searas: adaptou para o teatro o texto *Senhora*, de José de Alencar. Com ele, viajou por todo o país. A encenação era ousada: trinta artistas se revezavam em sete palcos giratórios.

Ela atuava, dirigia, adaptava, produzia. O que mais faltava para que ela se tornasse a artista número um? Cantar, evidentemente. Em 1950, aproxima-se do teatro de revista e produz o espetáculo *Escândalos 1950*, seguido de *Escândalos 1951*. Entre 1952 e 1955, atua em espetáculos inesquecíveis: *A Herdeira*, *Madame Bovary* e *Diabinho de Saias*.

Dominado o Brasil, Bibi parte para o exterior. Em 1956, seguindo a tradição do pai, leva seu talento para Portugal. Depois de apresentar sua temporada de comédias, é convidada para integrar o elenco da maior companhia de revistas de Lisboa.

Fica por lá até 1960, sempre com muito sucesso, trabalhando com os maiores nomes da cena portuguesa da época.

Volta ao Brasil a convite da TV Excelsior, que preparava sua programação para estrear na telinha. Nessa época, só havia três canais: Tupi, Record e Paulista. Bibi inaugura a nova emissora com o programa *Brasil 60*, líder de audiência em todo o país. Sucesso que se repetiu em *Brasil 61* e *Brasil 62*. A caçulinha das TVs começava a cutucar os poderosos.

Ela tinha fome de arte, jamais deitou nos louros, continuou tendo ideias. Sem esquecer o entretenimento propriamente dito, bola outro programa: o *Tele-teatro*, por onde passam nomes como Sérgio Cardoso, Tônia Carrero, Tarcísio Meira, Francisco Cuoco e Armando Bógus, a nata dos palcos.



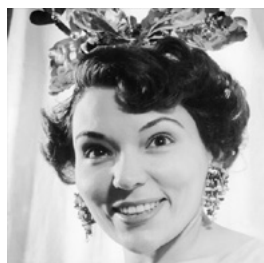
Provavelmente motivada com essas aparições em sua programação semanal, a TV Excelsior entraria, a partir de 1963, na área das telenovelas, peitando de frente o monopólio da Tupi, com a vantagem de ter sido a primeira emissora a exibir os capítulos diariamente.

Na verdade, Bibi fez mais do que conduzir seus programas: ela criou uma fórmula que viria a se tornar a marca registrada da TV Excelsior, uma espécie de identidade. Afinal, foi lá que surgiu o Zimbo Trio, Chico Buarque deu sua primeira canja e foram contratados artistas do naipe de Lamartine Babo, Juca Chaves, Dorival Caymmi, João Gilberto, Orlando Silva e Ângela Maria.

Fora dos palcos brasileiros desde 1955, ela volta ao teatro em 1962, desta vez para encenar espetáculos que marcarão época e grafar seu nome definitivamente na história da dramaturgia brasileira. A ideia de trazer os grandes musicais americanos para o Brasil foi do produtor Victor Berbara. Bibi não perdeu tempo: estreou *My Fair Lady* no mesmo ano e *Alô, Dolly*, em 1965. Dois sucessos absolutos.



Não descuidou da TV: *Brasil 64*, *Bibi Sempre aos Domingos* (programa com oito horas de duração), *Bibi Especial*, *Bibi ao Vivo*. Enquanto isso, o *Tele-teatro* continuava com a corda toda: textos clássicos e modernos, interpretações que possivelmente a TV jamais verá de novo e direções inovadoras. Em 1971, recebeu o prêmio do Grande Festival da Cultura, sediado em Tóquio, por um programa especial que tinha feito para a TV Tupi, alfabetizando mais de trinta mil pessoas em quatro meses. No ano seguinte, aparece na primeira transmissão ao vivo do Oscar.



Os anos 70 a consagram também como diretora de shows musicais. O primeiro foi com Maria Bethânia e Ítalo Rossi no espetáculo *Brasileiro: Profissão Esperança*, de Paulo Pontes. Seguiram-se outros dois: *Elizeth* (1971), com Elizeth Cardoso, e *Elizeth e Baden* (1973), com textos de Paulo

Pontes, Flávio Rangel e Sérgio Cabral.

Em 1973, Bibi fecha com chave de ouro a trilogia dos musicais americanos: *O Homem de La Mancha*, que inaugura o Teatro Bloch. São três anos de muito sucesso ao lado de Paulo Autran e Grande Othelo. No ano seguinte, remonta *Brasileiro: Profissão Esperança*, agora com Clara Nunes e Paulo Gracindo. A temporada é recorde de público e longevidade: quase um ano em cartaz no Canecão. No final de 1975, *Gota D'Água* transforma-se num marco, dividindo a dramaturgia brasileira em antes e depois. Com texto de Paulo Pontes, música de Chico Buarque e direção de Gianni Ratto, o drama clássico de Eurípidés foi adaptado para as favelas brasileiras com sensibilidade e um apuro técnico que deixou a plateia em suspenso. No elenco: Bibi (no papel de Medeia); Osvaldo Loureiro (Creonte), Luiz Linhares (Egeu), Roberto Bonfim (Jasão), entre outros. Alternando-se entre comédias, dramas, musicais e shows, em 1977, Bibi dirige novamente Elizeth Cardoso em *Bandeira Branca*. No ano seguinte, volta à TV, desta vez na Globo, com os programas *Brasil 78* e *Brasil 79*. Em 1980, remonta *Gota D'Água* e viaja por todo o país.

A partir de então, Bibi não volta mais à TV com grandes projetos. Dedicase mais à direção. Enquanto procurava um novo texto para montar, ela dirige Clara Nunes em *Clara Mestiça* (81); *Maria Bethânia*



em *Nossos Momentos* (82) e a comédia *Toalhas Quentes* (80).

Em 1983, ela encarou um novo desafio: *Piaf, a Vida de uma Estrela da Canção*, um grande musical com vinte atores em cena que lhe rendeu um recorde de público em várias cidades do país e durou até 1988. Animada com a receptividade,



levou o espetáculo a Lisboa, montando-o com um elenco português, sucesso que ficou seis meses em cartaz no Cassino Estoril. No final de 1989, retorna ao Brasil, dando início ao projeto de comemoração dos seus cinquenta anos de carreira. Acompanhada pela Orquestra Sinfônica e Coral Lírico do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em abril de 1991, ela estreia *Bibi in Concert*. Canta, conversa, conta casos de sua vida e inventa uma coisa nova: interpreta árias de óperas conhecidas com letras do cancionero popular brasileiro no estilo Piaf. Tanto encantou que a Rede Globo convidou-a para um especial de final de ano em 1992. A fórmula deu tão certo que teve um repeteco: *Bibi in Concert II, The Entertainer*.

Em 1995, remonta o concerto *Bibi Conta e Canta Piaf*, criado três anos antes para a inauguração da Praça Paris, no centro do Rio de Janeiro. Faz turnê pelo país até 1997, quando remonta *Brasileiro: Profissão Esperança*, desta vez como atriz, ao lado de Gracindo Júnior, espetáculo que foi gravado ao vivo nos 140 anos do Teatro São Pedro, em Porto Alegre.



Em maio do ano 2000, leva sua Piaf a Paris, no Teatro Dezajet. Acompanhada em muitas canções pelo público francês, Bibi recebe grandes elogios de celebridades locais, entre elas de Michel Rivegauche, um dos compositores prediletos de Piaf (autor de *La Ville Inconue* e *La Foule*) e de Pierre Ribert, proprietário das Edições Metropolitanas, editor das músicas de Piaf.

Em 2001, Bibi comemora seus sessenta anos de carreira dedicados aos palcos e às emoções, levando finalmente à cena seu outro desafio: *Bibi Vive Amália*, projeto de 1999 que ela preferiu suspender na época em virtude do falecimento da cantora portuguesa. Sucesso absoluto em todo o país, Bibi levou seu espetáculo musical a Portugal. Sua apresentação no Centro Cultural Belém, o palco mais nobre





de Lisboa, continua na memória do público até hoje. Em 2002 e 2003, faz uma turnê levando o musical às principais cidades do país.

No mesmo ano, comemora vinte anos de sucesso da sua interpretação de Piaf, gravando um CD e um DVD com as músicas do show. Em

2004, ela presenteia seu público com o grande espetáculo *Bibi in Concert III*.

Sem planos de parar ou tirar férias, em 2007, aos 85 anos, Bibi volta ao teatro como atriz em *Às favas com os escrúpulos*, de autoria de Juca de Oliveira e direção de Jô Soares. *Bibi Ferreira en Concierto* é o espetáculo que se apresentou em Buenos Aires, em 2010, uma versão aproximada de *Bibi in Concert IV*, que viajou o Brasil entre 2010 e 2011.

Ao completar 70 anos de palco, Bibi comemorou com *De Pixinguinha a Noel, passando por Gardel*, cantando de samba de breque a bossa nova, tangos e milongas, fados e Piaf.

Em 2012, ela reinaugurou o antigo Teatro Tereza Rachel, em Copacabana, com o novo espetáculo: *Bibi Histórias e Canções*, outro sucesso que passou por várias cidades brasileiras e chegou a Nova Iorque, em 2013, com *Bibi in Concert*. Em 2013, voltou a Nova Iorque com *Piaf*.

Em 2014, mais um desafio: *Bibi interpreta repertório de Sinatra*, sucesso que estreou em São Paulo, foi para o Rio, Belo Horizonte, Vitória, Porto Alegre e, em 2016, completou o ciclo internacional de Bibi, novamente em Nova Iorque.

Em janeiro de 2016, comemora 75 anos de carreira, reinaugurando o Teatro Serrador, onde estreou em 1941. Em março, estreia o espetáculo *4 x Bibi* em São Paulo. Em seguida, apresenta no Rio e depois por todo o Brasil, até 2017.

Em 2018, Bibi estreia um novo show: *Por toda minha Vida*, uma homenagem ao cancionista popular do Brasil.

Atriz, diretora, dramaturga, adaptadora, cantora, entertainer e compositora. Drama, comédia, musicais, shows, TV. Bibi não se intimidou com nada, sempre enfrentou com elegância e competência as várias facetas da arte. Mais: procurou desafios novos e sempre soube se desincumbir deles com muita criatividade e bom humor.

# AVISO

Dia 22 de Março de 1945

NESTE TEATRO

GRANDE FESTIVAL  
DE

# Bibi Ferreira

UM PROGRAMA INEDITO  
BIBI representando, cantando e fazendo  
imitações.

Com o concurso do Grupo Universitário



# Biografia

Nem sempre um livro tem tanta coisa para contar. Nem sempre nos deparamos com uma biografada que encara com extrema humildade seu grande sucesso. Nem sempre o público pode se regalar com tanto talento. É esta história que o livro pretende contar, numa detalhada pesquisa fotográfica e iconografia completa.

Bibi Ferreira é isso: a personificação da arte.



Sinceramente  
de voce à Ernesto Colasanti  
Bibi Ferreira

G. L. Lezzi  
Es. Mesbla

Rio. Junho de 1940